

CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO Nº1280/1281 – Ano 29; 3ª e 4ª Semanas Janeiro 2016.

Breaking Bad (Temp. 1 cap. 1) JOSÉ MARTINS

Uma coisa ruim que quanto mais avança pior fica. Esta é a melhor expressão para os movimentos dos ciclos periódicos de reprodução ampliada e crise do capital mundial. Da superprodução de capital em geral. Do capital propriamente dito. Quanto mais elevada a produtividade da força de trabalho e a produção de capital mais forte a tendência de queda dos preços das mercadorias e da taxa geral de lucro. O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho se choca com a estreiteza das relações de produção do capital. Quanto mais essa contradição se estende no tempo mais a produção da riqueza se distancia da produção do capital. A chapa esquenta. A crise do capital é exatamente a necessidade de restauração violenta dessa unidade estilhaçada da produção do valor de uso e do valor de troca. O distanciamento do trabalho concreto do trabalho abstrato ocorre na dinâmica do ciclo periódico de superprodução. Tudo isso faz parte das condições gerais da crise. Entretanto, o mais importante é saber quando e como se dará a explosão dessas contradições no atual período de expansão iniciado no 2º trimestre de 2009. A melhor (e única) maneira para cumprir essa tarefa é a mais trabalhosa: investigar da melhor maneira possível como aquelas condições abstratas da crise se desenrolaram e continuam se desenrolando concretamente no dia-a-dia dos últimos cinco anos de triunfante acumulação planetária de capital. Garimpando as partículas elementares do ser capital. Como elas estão se comportando e se relacionando nos últimos cinco anos dentro do organismo capitalista. É o que estaremos fazendo em nova temporada de boletins. O desta semana é seu 1º capítulo.

O Ocidente acordou assustado nesta terça-feira, 26 de Janeiro. A China, mais uma vez. A bolsa de valores de Shangai perdeu 6,4%. Mais uma grande queda. Piora a cada dia. Ainda nesta terça-feira, o banco central da China injetou mais US\$ 67 bilhões no sistema financeiro. É a maior quantidade de recursos injetados em um único dia desde fevereiro de 2013. Para aliviar a forte queda de liquidez (moeda e crédito) na economia. Para compensar a fuga de capitais. Ninguém acredita mais que a burocracia de Pequim possa interromper o desastre. Quanto mais recursos eles injetam, mais aumenta a necessidade de liquidez do sistema. O mecanismo monetário não funciona mais frente aos problemas reais da economia. A situação só piora. Junto com a China, a oscilação intermitente dos preços do petróleo em direção aos \$20 dólares o barril renovou as preocupações com a desaceleração do crescimento econômico global.

O problema não é só chinês. Todas as pessoas bem informadas do mercado sabem que as principais bolsas de valores do mundo devem sofrer forte correção. Que esses mercados de capitais estão mais do que maduros para mais um belo desabamento.

Nunca uma crise foi tão anunciada como agora. Mesmo os menos informados sabem fazer o cálculo da relação preço/lucro das ações. E verificar que essa fatídica relação já se elevou a níveis absolutamente insustentáveis. Bem mais que em outros ciclos. Mas os homens do mercado não conseguem parar de “cozinhar” mais e mais capital. Não podem parar. O mesmo instinto animal do inovador empresário shumpeteriano Walter White, de Albuquerque, Novo México, EUA. Breaking Bad: quanto mais avançam na acumulação de montanhas de capital pior fica a situação. É assim que funciona o capital. Alto grau de dependência e toxidade. Quando e com qual intensidade se dará a grande correção dos mercados? Exatamente, ninguém sabe. Dá para arriscar que se dará nos próximos doze meses. A probabilidade de acerto dentro deste prazo é alta. Mas isso nem é o mais importante. O mais importante é saber com qual intensidade se dará essa correção.

Qual será o tamanho da crise? É impossível prever. Mas pode-se investigar alguns indícios que podem ajudar a responder à pergunta. Quanto ao formato: parcial ou geral? Tanto pode ser parcial, como na última “grande recessão de 2008/2009”, ou geral, como na última grande depressão de 1929/1930. Ou uma ou outra. Não existe terceira hipótese. Quanto mais simplificado, mais difícil elucidar o problema. Se for como na primeira hipótese, não haverá grandes danos para a propriedade privada em geral e a boa vida dos capitalistas da indústria produtiva de mais-valia e outros parasitas do sistema. Apenas mais uma “recessão”. Embora com violência maior que em 2008/2009, a unidade altamente contraditória entre valor de uso e valor de troca seria restabelecida em pouco mais de 24 meses. Nada muito diferente. Nem pode demorar mais do que isso. Se passar vira crise geral.¹

Com essa primeira hipótese mais pessimista, embora a mais provável, nada de revolução e de ameaça às condições materiais de funcionamento deste regime histórico – apenas uma infernal elevação do grau de totalitarismo do Estado e da democracia em todo o mundo. Grandes solavancos políticos e geopolíticos em todos os poros do globo terrestre. A resposta dos capitalistas? A de sempre: mais Estado, mais mercado, mais polícia e mais imperialismo. Um *up grade* global do regime democrático no interior dos Estados nacionais. Mais Debord e George Orwell. Muito mais espetáculo, repressão e controle digitalizado de variados *Googles* e lentes de estações espaciais monitorando a vida privada de cada cidadão. Sem aposentar, claro, o trivial de sempre: mais controle armado das amplas áreas dominadas da periferia. Finalmente, como a cereja do bolo, mais governos de esquerda no poder. Com certeza. Governos populares. Talvez até nos

¹ Os períodos de crise são pouco elásticos, ao contrário dos períodos de expansão. De acordo com verificações dos últimos setenta anos apresentam margem de variação de dois a três anos em torno da média. Esses pontos fora da curva é um tormento para ecléticos marxistas que procuram vender consultorias baratas a alguns incautos capitalistas do mercado financeiro e a burocracias sindicais neopelegas da periferia. Seu método “científico” é fazer certas análises “gráficas” do ciclo, transportando mecanicamente médias temporais e comportamentos de ciclos anteriores para o atual e assim “prever” as novas datas, etc. Tudo ao sabor de “gráficos” e números copiados na internet de outras consultorias mais respeitáveis no mercado. Acabam assim “prevendo”, inevitavelmente, uma nova crise a cada seis meses. Crise entendida como “recessão”, que é até onde chega o “grafismo” do eclético-marxismo; enquanto isso, o capital aumenta mais e mais a acumulação.

EUA. Já nas eleições deste ano. Quem sabe? Tudo em nome da “redução das desigualdades” e seu corolário, a retomada de mais um ciclo periódico de expansão de exploração e martírio da classe proletária mundial.

Contudo, se ao contrário dessa hipótese mais pessimista, a tão esperada correção dos mercados mundiais ocorrer de acordo com a segunda hipótese – no formato da última grande depressão global de 1929/1930 – a queima de capital seria incontrolável. É a hipótese mais otimista, embora menos provável. Pela primeira vez desde um século atrás um ciclo periódico de expansão desembocaria em crise geral. Uma crise catastrófica. Sem prazo para terminar. Ingovernabilidade nos principais redutos do imperialismo. Desemprego da força de trabalho acima de 30 % nos EUA. Utilização da capacidade instalada na indústria de bens duráveis abaixo de 40% no coração do sistema. Desemprego do trabalho e do capital. Mega sucateamento de máquinas e fábricas. Hiperinflação e desabastecimento de alimentos nas megacidades do universo. Pulverização de ativos financeiros públicos e privados. Pânico em Wall Street. Derretimento das principais moedas. Começando pelos EUA, Alemanha e Japão. Paralisação dos mercados internacionais de mercadorias e de capitais. Protecionismo e corrida armamentista das velhas potências (Alemanha e Japão) há setenta anos controladas e ocupadas com bases militares dos EUA. Guerras e revoluções.

Isso é crise. E só ocorre muito raramente. Do que depende, então, a forma e intensidade de eclosão da próxima correção dos mercados mundiais? Recessão ou depressão? De um monte de coisas. Em primeiro lugar, das condições da luta de classes e dos conflitos geopolíticos entre as potências imperialistas. É a espécie humana que faz sua história. Entretanto, o faz sob o peso de precisas condições materiais herdadas. Sob o peso determinante da economia. A economia delimita o terreno das inúmeras possibilidades de luta de classes e de conflitos geopolíticos. O resto é ecletismo barato.

Não se trata aqui de mero problema metodológico de análise. Nada de academicismo ou escolástica espiritualista de esquerda. Trata-se de observar como se desenrola sob nossos olhos, no dia-a-dia da reprodução material da população terrestre e das forças produtivas sociais, a dinâmica e os precisos limites da economia capitalista mundial. Da totalidade do capital. Mais exatamente nas linhas de produção do capital na economia de ponta do sistema. Nas condições de valorização e de produtividade da força de trabalho na economia dos EUA, reguladora do mercado global. Na variação dos seus preços de produção e de mercado. Na evolução das vendas das principais indústrias e da efetiva realização do capital. Finalmente, na situação atual de expansão da massa de mais-valia e da curva de tendência da taxa geral de lucro do sistema. É destas partículas elementares da economia capitalista que estaremos tratando em próximos boletins.